

As outras máscaras

Durante todos os ensaios de *Selvagem* Marco Martins proibiu a utilização da palavra *tradição*: “É uma armadilha em que é fácil cair-se, quando se trabalha com material como o que convoquei para este espectáculo. A ideia foi aportar um olhar contemporâneo sobre a ancestralidade deste mundo, e não reproduzir uma imagem ilustrativa que se pudesse confundir com qualquer tipo de folclore”.

O material é as máscaras ancestrais a que o encenador chegou depois de ver as fotografias de Charles Fréger reunidas no livro *Wilder Mann, The Image of the Savage*: “O livro continha uma recolha de máscaras e mascarados envolvidos nas celebrações do Inverno, que se perpetuam há séculos por toda a Europa. Imagens de corpo inteiro de homens com o rosto tapado, posando em paisa-

gens rurais ou selvagens, vestidos de plantas, transformados em bodes, ursos, cabras, demónios ou monstros selvagens”.

Marco fez-se à estrada numa viagem profunda, no tempo e no olhar. Viajou até à Roménia, à Sardenha, à Macedónia do Norte e a Trás-os-Montes. O objectivo era ver os rituais *in loco* e conhecer os homens que perpetuam esses ritos por detrás daquelas máscaras. E descobriu que “apesar das profundas mudanças na forma como o mundo rural se industrializou e mecanizou para responder às prerrogativas do capitalismo, os homens continuam a celebrar festas pagãs ligadas ao ciclo das estações.

Os protagonistas de *Selvagem* — pastores, agricultores ou criadores de cavalos — vivem longe da *mecanização* de animais e plantas tratados como um produto capaz



Selvagem está em cena sábado às 21h30 e domingo às 16h na Sala Principal do TMJB

de ser moldado e transformado segundo as necessidades de consumo”.

São sete intérpretes — dois por-

tugueses e cinco italianos — que vão povoar o palco da Sala Principal do TMJB com rituais únicos no Mundo.

Festa noite dentro

Nem por encomenda poderíamos ter uma noite melhor para receber Tcheka (Manuel Lopes Andrade) na Esplanada da Escola D. António Costa. No Sábado, a noite será de calor tropical e sem vento.

Tcheka é uma figura de proa na música de Cabo Verde. Nascido num lugar recôndito da ilha de Santiago, a maior do arquipélago, criou um estilo único, que testemunha as influências que recebeu à escala global. O músico cresceu numa família musical, tendo começado a tocar muito novo, com o seu pai o violinista Nhô Raúl Andrade. A sua música flui naturalmente, resistindo a qualquer tentativa de categorização fácil, dadas as referências a diversos géneros. Apesar dos seus horizontes musicais amplos, o artista é conhecido por ter integrado o batuque na guitarra electroacústica. Lançou o seu primeiro álbum em 2003, *Argui*, na



editora Lusafrika, tendo em 2005 saído *Nu monda*, muito bem recebido pela crítica francesa: venceu o prémio de artista do ano atribuído pela Rádio France. Em 2015 iniciou uma parceria com o guitarrista sul-africano Derek Gripper, que o levou a actuar nos principais festivais africanos de *world music*.

Assinaturas esgotadas

À semelhança do que tem ocorrido em edições de anos anteriores, os passes para assistir à totalidade dos espectáculos do Festival de Almada voltaram a esgotar (vendeu-se ontem a quingentésima Assinatura). Mas ainda é possível adquirir bilhetes na bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite para várias das peças apresentadas quer no TMJB, no Fórum Romeu Correia ou no Teatro-Estúdio António Assunção. A aquisição dos bilhetes pode ser feita presencialmente ou por transferência bancária (212739360 | bilheteira@ctalmada.pt).

As entradas para os espectáculos que se realizam no Palco Grande podem ser adquiridas a partir das 21h00 na bilheteira situada à entrada da Escola D. António da Costa.

Alteração de espectáculo

Por um dos intérpretes ter testado positivo à Covid-19, os Artistas Unidos não poderão apresentar o espectáculo *Taco a taco*. Em sua substituição subirá à cena a peça *A coragem da minha mãe*, com encenação de Jorge Silva Melo. O calendário e o horário das sessões não se alteram, e os bilhetes para este novo espectáculo são os mesmos do anterior.

Nesta peça não faltam episódios cómicos, de sugestão surreal e, por vezes, em tom de farsa. Na verdade, os textos de Tabori costumam fazer rir ou, pelo menos, repetidamente sorrir. Aquilo a que se chama vagamente a sua “abordagem dialéctica” consiste, na verdade, num teatro que promove a subversão, a interpolação, a fragmentação e a inversão de expectativas.

Um Ibrahim inesquecível

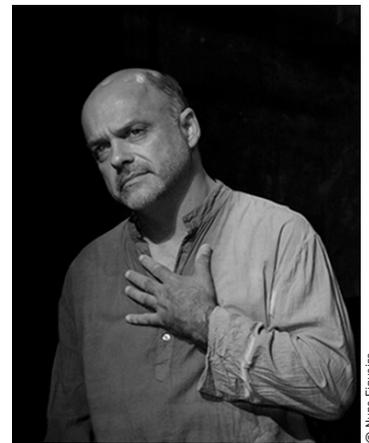
Um espectáculo marcante do Festival de Almada? De imediato veio-me um título: *O senhor Ibrahim e as flores do Corão*, com texto de Eric-Emmanuel Schmitt, pelo Teatro Meridional. Um espectáculo memorável, que embora já tenha estreado no Festival há dez anos, continua o seu percurso e está agora em cena. Miguel Seabra, num cenário minimalista, e na compa-

nhia de Rui Rebelo, que cria o ambiente sonoro do espectáculo, interpreta magistralmente e de uma forma tocante este texto de escrita simples, emocionante e cheio de humor. A história de um menino judeu e de um velho merceeiro árabe. Momo, o menino judeu, vive sozinho com um pai frio e distante. O senhor Ibrahim, o velho merceeiro árabe, é acolhedor, simpático e dis-

ponível. Juntos, vivem uma série de aventuras e constroem uma amizade que ultrapassa todas as fronteiras. Um espectáculo excelente, comovente, um exemplo de tolerância e de aceitação do outro, do diferente. Uma visão nobre e conciliadora da humanidade, que se impõe em tempos tão conturbados como os de hoje.

Obrigada ao Festival de Almada por ter brindado o público com este inesquecível espectáculo do Teatro Meridional e obrigada ao actor, Miguel Seabra.

Maria Helena Marujo, 64 anos, ex-quadro superior dos CTT



O Sr. Ibrahim e as flores do Corão foi Espectáculo de Honra em 2013

© Nuno Figueira

“No paraíso do 39.º Festival de Almada”

Começam a sair na imprensa internacional as reportagens dos correspondentes estrangeiros enviados ao Festival de Almada. Publicamos um excerto do artigo que Afonso Berra escreveu para a revista de teatro galega *erregueté*:

“Voltou o convívio e a festa à esplanada da Escola D. António da Costa. Após dois anos de restrições pandémicas em que o Festival nunca parou, mas teve de se adaptar às condições de distanciamento, voltamos a encontrar-nos à vontade, ao ar livre. Na última segunda-feira, 4 de julho, podia sentir-se a alegria de uma certa recuperação e de muita curiosidade sobre os espectáculos que procuram surpreender-nos, fazer-nos sonhar e idealizar um mundo melhor. Esse já é um primeiro passo, mais importante do que pode parecer, para a (re)construção, nestes tempos em que, após a pandemia, depois da crise sanitária, enfrentamos a crise

causada pela guerra — por esta que está tão presente e pelas outras, que os meios de comunicação e nós próprios temos esquecido. Entre o saltitar dos melros, o chilrear dos pardais e o perfume sadio dos velhos ciprestes, reúnem-se pessoas muito diversas. É a hora de jantar, de conversar, de ouvir a música dos jovens músicos afegãos, fugidos para Portugal após a invasão do seu país, e que no dia 4 deram um concerto no palco que o Festival coloca na esplanada.

Adorei poder ler a primeira *Folha Informativa* diária desta 39.ª edição. E nela as palavras do Jorge Silva Melo em que descrevia ‘a doçura da arte’ que se pode vivenciar neste Festival, longe ‘das longas fanfarras da *festivalite* que pelo Mundo anda’, longe ‘do mundanismo *Caras-Classe-Vip* que o teatro mata’, longe ‘do abominável consumo’.

E adorei, finalmente, poder ver uma peça tão *sui generis* quanto



© Rui Carlos Mateus

Aucune idée, de Christoph Marthaler, pelo Théâtre Vidy-Lausanne. Uma espécie de brincadeira fora do vulgar entre Marthaler, o prodigioso actor Graham F. Valentine e o músico Martin Zeller, que assenta nos temas da família, da convivência, da vizinhança, do consumismo e de tudo o que o nosso Mundo pode fazer chegar à nossa caixa de correio”.

Ser Nina

“Uma pedra atirada ao mundo onde a memória se instala no material poético”. Foi desta forma que a escritora Maria Quintans resumiu o espectáculo *Se eu fosse Nina*, que ontem esteve ao fim da tarde em discussão em mais um dos colóquios que acontecem na Escola D. António da Costa.

Rita Calçada Bastos, autora e encenadora da peça que pode ser vista até dia 17 na Sala Experimental do Teatro Joaquim Benite, aproveitou a ocasião para lançar o texto da peça, uma edição da Labirinto. Sobre a peça, Rita Calçada Bastos diz que esta foi “uma tentativa de se reinventar todos os dias através de uma personagem criada por Carla Maciel. Um acto de resistência a que se entregou de forma desmesurada”.



© Rui Carlos Mateus

A escritora Maria Quintans, a dramaturga Rita C. Bastos e a actriz Carla Maciel

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | Teatro
Em casa, no zoo
Incrível Almadense

16:00 | Teatro
Se eu fosse Nina
Teatro Municipal Joaquim Benite

18:00 | Teatro
Museu Pasolini
Fórum Romeu Correia

20:00 | Música
Luiz Gabriel Lopes
Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro
Selvagem
Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro
Eu sou a minha própria mulher
Teatro-Estúdio António Assunção

23:00 | Música
Tcheka
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Paella
Bacalhau à Zé do Pipo

AMANHÃ
Entrecosto com migas serranas
Choco guisado com puré de batata